

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## ATHÉNAÏS MICHELET: UMA TRAJETÓRIA APAGADA

Aline Dal Maso

Doutoranda pela Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná

[dalmaso.aline@gmail.com](mailto:dalmaso.aline@gmail.com)

### Introdução

Athénaïs Michelet (nascida Mialaret, 1826-1899), foi a segunda esposa do historiador francês Jules Michelet (1798-1874), e é comumente conhecida por suas obras autorais memorialistas; como uma naturalista amadora (OGILVIE & HARVEY, 2000, pp. 892-893); e como editora de obras póstumas e inéditas do marido, o que garantiu de tal modo a sobrevivência do nome de Michelet no final do século XIX e início do XX (CREYGHTON, 2016, pp. 95-134). Apesar de ser bastante conhecida pela historiografia por sua união duradoura com Jules Michelet, tanto amorosa quanto intelectual, Athénaïs é frequentemente lembrada pelas polêmicas que envolveram a intimidade de seu casamento, e pelos seus trabalhos de edição e censura em algumas das obras póstumas que publicou, sendo construído, portanto, uma imagem de “viúva abusiva” em meados do século XX (SMITH, 2003, pp. 180-216).

Existem poucos trabalhos específicos sobre Athénaïs em comparação com a infinidade de trabalhos sobre a vida de Michelet e sua obra monumental. E embora as inúmeras obras sobre Jules Michelet abordem algumas informações sobre a vida de sua esposa, como uma das biografias mais importantes sobre sua vida (VIALLANEIX, 1998), apenas uma única biografia é dedicada à Athénaïs, *Le Roman d’Athénaïs, une vie avec Michelet* (2012), de Isabelle Delamotte. Apesar de ser uma obra importante, devido à escassez de dados sobre a Athénaïs, e baseada em diversos documentos, esta biografia é em estilo romanceado.

Mais escassos ainda são trabalhos que analisem as próprias obras autorais de Athénaïs. As teses recentes de Matamoros (2017) e Picard (2019) analisam um conjunto de fontes literárias sobre seus temas de pesquisa, a prática de leitura e educação literária

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

feminina e os animais na prosa literária respectivamente, durante meados do XIX e início do XX na França, e algumas obras de Athénaïs são utilizadas como uma de suas fontes de análise. Já o trabalho editorial de Athénaïs é analisado na tese de Camille Creyghton (2016), mas num contexto em que é analisado a sobrevivência no nome do historiador após sua morte, e Williams (2019) em seu artigo irá analisar a descrição de lugares Celtas na obra de Michelet, mas analisando os diferentes momentos desse imaginário poético, comparando a versão original de Jules da década de 1830 (publicado na década de 1950) e a versão editada de Athénaïs da década de 1890. Análises sobre a complexa relação de colaboração entre o casal, ao escreverem em conjunto uma série de livros de História Natural, *L'Oiseau*, *L'Insecte*, *La Mer* e *La Montagne*, publicados apenas com a autoria de Michelet entre os anos 1856 a 1868, começaram a aparecer apenas recentemente em alguns artigos esporádicos (DIMOPOULOU, 2008).

Desta forma, este ensaio tem como objetivo apresentar a trajetória de Athénaïs, de seus anos de formação até o casamento com Jules Michelet, seu trabalho como escritora, tanto na produção de obras em colaboração com o marido, quanto suas próprias obras autorais. Após a morte do marido, Athénaïs não se dedicou mais a projetos autorais, e de acordo com a historiadora Camille Creyghton (2016), depois de ganhar disputas em juízo contra os herdeiros diretos de Michelet sobre a parte que lhe cabia dos direitos autorais das obras de História Natural, ela iniciou um trabalho que durou por toda a sua viuvez, de disseminar e popularizar as obras do historiador. Uma luta em juízo que demonstra as várias estratégias e artifícios que Athénaïs precisou utilizar para legitimar seus direitos perante a sociedade, num período em que a produção do conhecimento, seja histórica ou científica, constituía uma atividade eminentemente masculina.

### **Os anos de formação de Athénaïs e sua união com Jules Michelet**

Athénaïs nasceu em Leojác, próximo da cidade de Montauban, na França, e é filha do francês Yves-Louis Jacques Hippolyte Mialaret (1774-1841) e da americana descendente de alemães e ingleses, Marguerite-Emma Becknell (1804-1864). O pai de Athénaïs, presença importante na vida e na obra de Athénaïs, foi preceptor e durante sua

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

juventude viajou para a Ilha de Santo Domingo, colônia da França, e lá ensinou os filhos do revolucionário Touissant L'Overture (1743-1803). Depois acabou trabalhando na Ilha de Elba, na Itália, no mesmo período em que Napoleão Bonaparte (1769-1821) esteve exilado, tornando-se próximo de um dos servidores do imperador (OGILVIE & HARVEY, 2000, pp. 892-893). Novamente na América, após fugir de Napoleão e do governo Francês, trabalhou como professor na região da Louisiana nos EUA, onde conheceu sua futura esposa, uma de suas alunas, a jovem órfã Emma, que era filha de um dos maiores fazendeiros da região. Yves recebeu um dote rico de Emma, com patrimônio e juntamente com escravos, libertando alguns e deixando outros que escolhessem seu mestre, pois não suportava a escravidão. Retornou para a França, casado e com dois filhos, deixando um tutor para a gestão dos negócios (DELAMOTTE, 2012, pp. 42-46).

Durante sua infância Athénaïs foi educada pelo pai, juntamente com seus outros irmãos<sup>1</sup>, ouvindo suas histórias sobre as viagens e aventuras na América, e sobre seu conhecimento sobre a natureza no vasto jardim da propriedade da família em Leojác, a *Chapitoulas*. Athénaïs em seu livro de memórias, *Memoires d'une enfant* (1867), destaca o quanto tinha predileção por seu pai, que já tinha idade avançada quando ela nasceu, e o quanto ele incentivava seus estudos. Entretanto, ela escreve que sempre se sentiu muito solitária, e nutria uma tristeza imensa pela falta de carinho de sua mãe, que aparentemente tinha uma predileção maior para seus dois primeiros irmãos, nascidos na América. Aos treze anos, à contragosto por não querer se afastar do pai e dos jardins do *Chapitoulas*, foi estudar num colégio de freiras em regime de internato, o convento *Dames de Nevers* (DELAMOTTE, 2012, pp. 48). Nesse período em que Athénaïs estava no internato, Yves, já idoso e doente, viajou para a América para cuidar dos negócios da família que estavam falidos, e acabou falecendo. Órfã do pai aos 15 anos, Athénaïs, que durante toda a sua vida nunca superou essa perda, continuou seus estudos, e obteve seu certificado como educadora pela *Academie de Toulouse* em 1845, o diploma disponível para mulheres naquele período. Sua primeira experiência profissional foi em 1846, numa instituição católica na cidade de Bayonne, sudoeste da França. Neste mesmo ano ela se tornou

---

<sup>1</sup> Irmãos de Athénaïs: Sélina (1822-1866), Tancrede (1824-1894), Antonin (1825-1884), Henri (1829-1884) e Hippolyte Mialaret (1832-1905).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

preceptora dos filhos da princesa Alexandrina Cantacuzino da Romênia, em Viena, na Áustria. (MICHELET, 1962, pp. 570-571, ver notas).

Em Viena, após ler o livro *Le prêtre, la femme et la famille* (1845), obra bastante anticlerical de Michelet, Athénaïs, que teve uma formação bastante religiosa, lhe escreveu uma carta pedindo orientações morais, e também se apresentando como uma aspirante a escritora. Ela e Michelet mantiveram um relacionamento epistolar até o final de 1848, trocando experiências literárias e também discutindo sobre os efervescentes eventos políticos contemporâneos, quando ela decidiu deixar Viena e morar em Paris, conhecendo finalmente Michelet. Jules ficou muito apaixonado, e logo se casaram no início de 1849, numa cerimônia civil, com alguns amigos mais próximos de Michelet como testemunhas. Michelet com 50 anos, professor renomado na cátedra de História e Moral no *Collège de France* e chefe da seção de História nos *Archives Nationales*, teve a desaprovação do casamento por sua família, principalmente de sua filha Àdele Dumesnil (1824-1855)<sup>2</sup> e seu marido, pois Athénaïs era 28 anos mais nova que Michelet (SMITH, 2003, p. 188).

Os primeiros anos após o casamento foram bastante conturbados para o casal. Athénaïs tinha uma saúde frágil, o que fez Michelet levar a esposa a diversos médicos, e a escrever detalhadamente sobre a rotina de Athénaïs, de sua saúde e da dificuldade da intimidade inicial de seu casamento, em seu diário íntimo. Em 1850 o casal tem um filho, Yves-Jean-Lazare, que falece um mês após o nascimento, e Athénaïs não teve outro filho em sua vida (SMITH, 2003, p. 191). Com o golpe de Estado de Luis Napoleão Bonaparte (1808-1873) em 1852 e o estabelecimento do Segundo Império, Michelet perde seus cargos públicos no *Collège de France* e nos *Archives Nationales*. Sem o salário dos cargos e com a eliminação de suas obras históricas, abertamente republicanas, dos programas de ensino, Michelet enfrentou um considerável enfraquecimento de seus rendimentos, e passa a viver apenas da venda de seus livros (CREYGHTON, 2016, p. 101).

---

<sup>2</sup> Àdele é filha do primeiro casamento de Jules Michelet com Pauline Rousseau (1792-1839). Michelet teve um segundo filho com Pauline, Charles Michelet (1829-1862). Àdele casou-se em 1843 com Alfred Dumesnil (1821-1894), aluno e pupilo de Michelet, filho de Madame Dumesnil (1799-1842), o qual Michelet, já viúvo, teve uma breve relação amorosa até seu falecimento. Adèle teve quatro filhos com Alfred, os únicos netos de Michelet: Étienne (1845-1905), Jeanne (1851-1940), Camille (que não sobreviveu), e Camille (1854-1940).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O historiador decide então viver uma temporada em “autoexílio” no interior da França e no interior da Itália, entre os anos 1852 e 1853. Neste período de exílio, vivendo em maior contato com a natureza, o casal tem uma maior aproximação com as ciências naturais. Michelet desde sua juventude via a natureza como um lugar de refúgio e de renovação, tanto pelas angústias do presente quanto de seu árduo trabalho de revisitar o passado, e será bastante influenciado por Athénaïs, pelas suas leituras nesse período de obras de viajantes naturalistas e ornitólogos (DAL’MASO, 2019, pp. 23-31). Athénaïs em seu livro de memórias evidencia que também desde muito pequena mostrou interesse pela natureza e pelas ciências naturais, por influência de seu pai que a ensinava sobre as plantas e aves nos seus passeios pelos jardins do *Chapitoulas*, e mesmo sobre a benevolência para com os animais. Athénaïs relata em seu livro de memórias: “minha mãe foi a natureza, que me acolheu” (MICHELET, 1867, p. 7, tradução nossa).<sup>3</sup>

### A trajetória de Athénaïs como escritora

A trajetória de Athénaïs como escritora iniciou juntamente com a própria reinvenção de Jules Michelet como profissional, alguns anos depois deles se casarem. O casal depois dos eventos de 1852 passou por inúmeras dificuldades financeiras, que só melhoraram depois da publicação de uma série de livros populares de História Natural. Em 1855, Athénaïs retoma seus estudos sobre a natureza que começou durante o período de exílio, e se dedica a pesquisas e observações, e decide escrever livros de divulgação científica para crianças, iniciando seu primeiro livro sobre pássaros. Michelet, o qual sempre mostrou interesse em uma produção colaborativa conjugal, irá remodelar o trabalho que a esposa vinha fazendo (VIALLANEIX, 1998, pp. 400-401). O casal, em estreita colaboração, escreveram quatro livros: *L’Oiseau* (1856), *L’Insecte* (1857), *La*

---

<sup>3</sup> “Ma mère fut la nature, qui me fit bon accueil”.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

*Mer* (1861) e *La Montagne* (1868), que tiveram sucesso de público imediato na França, e também em outros países, como na Inglaterra, com diversas traduções.

São obras que evidenciam uma relação harmoniosa entre o homem e a natureza, mas que misturam de forma complexa na narrativa a vida pessoal, e também estabelecem relações com a história e a política do momento, através de uma linguagem poética e também pedagógica. Mas sobretudo, apresentam conhecimentos sobre os saberes biológicos de sua época, entre ornitologia, entomologia, geografia, botânica, bem como as concepções “transformistas” e de origem das espécies, muito influenciadas pelas obras de naturalistas como Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829) e Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844). Além de trazerem um pioneirismo através das preocupações sobre a proteção de espécies de animais e vegetais, dentre algumas questões “ecológicas” que estavam emergindo naquele período. Lembrando que o casal foi contemporâneo do naturalista Charles Darwin (1809-1882), reconhecido pelas suas teorias evolucionistas a partir da publicação de *A Origem das Espécies* em 1859.

Contudo, estas obras foram publicadas apenas com a autoria de Michelet, e a colaboração de Athénaïs foi “invisível” de certa forma aos olhos do público leitor, mesmo que no primeiro livro da série, *L’Oiseau*, houvesse no início da introdução a apresentação de que a obra fora o resultado da comunhão entre duas almas, uma seduzida pelos estudos naturalistas e a outra escrava da história (MICHELET, 1858, pp. III-IV). Logo na introdução do livro também há a presença de uma narrativa escrita por Athénaïs sobre sua infância rodeada pela natureza, e que será retomada em seu livro *Mémoires d’une Enfant*, que ela publicará dez anos mais tarde, em 1867.

Apesar de todos os indícios nos livros desse trabalho conjunto, verifica-se que apesar de uma extensa historiografia sobre essas obras de História Natural, pouco se fala sobre a complexa relação de colaboração entre Athénaïs e Michelet, e quando ocorre geralmente é para relacioná-la às edições e censuras nas publicações das obras póstumas de Michelet. Para Bonnie Smith, no século XIX, enquanto as disciplinas se profissionalizavam, muitas obras e pesquisas foram produzidas em família, e muitos autores precisavam da ajuda de suas mulheres para completar suas tarefas, mas as convenções ao redor dessas complexidades acabavam atribuindo geralmente à esposa

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

apenas um elogio como uma musa inspiradora, e camuflando essa colaboração conjunta, criando assim a ideia do homem de gênio (SMITH, 2003, p. 181-184).

Mas há pesquisadores mais contemporâneos que trarão Athénaïs como uma colaboradora importante nessas obras de História Natural, mas em artigos esporádicos. É o caso do artigo de Paule Petitier, que ao analisar a obra *L’Insecte*, irá defender que Athénaïs não só foi colaboradora e inspiradora, como teve um papel importante no conhecimento biológico destes livros, e que há uma complementariedade conjugal, em que Jules faz uma complexa síntese entre o conhecimento biológico com o conhecimento histórico e social, integrando a natureza no funcionamento histórico (PETITIER, 1989, p. 109). Outro estudo, de Barbara Dimopoulou (2008), aborda a contribuição de Athénaïs como uma segunda narradora no livro *La Montagne*, no qual a autora considera uma obra bastante intimista do casal. Uma das temáticas em *La Montagne*, cheia de simbologias e com caracteres bastante autobiográficos, e que destaca esse papel complementar de Athénaïs no texto, são as representações dos jardins. Tema bastante importante em seus livros autorais. Para Dimopoulou o livro *La Montagne* não pode ser lido apenas como um “guia de viagem” da França, mas como uma investigação de toda a natureza, incluindo a natureza feminina, como Athénaïs faz sobre sua vida nos jardins em *Mémoires d’une enfant* (DIMOPOULOU, 2008, p. 203).

*Mémoires d’une Enfant*, publicado em 1867, é o primeiro livro autoral de Athénaïs, e em sua narrativa, além de suas memórias da infância, ela aborda em seu texto estudos paisagísticos da região onde nasceu, e escreve sobre essa paisagem, sobre os jardins da propriedade onde vivia, a *Chapitoulas*, e sobre os costumes das pessoas naquela região. Na escrita, Athénaïs faz muita alusão sobre a solidão na infância, e a melancolia que sentia nesse lugar, em seus passeios pelo jardim, seu refúgio, numa relação tanto com a tristeza quanto da contemplação da natureza.

Athénaïs também teve interesse em escrever um livro de ciências naturais sobre os hábitos dos gatos, sobre suas observações do comportamento dos felinos, que foram companhia tanto em sua infância quanto em sua vida adulta, mas acaba sendo desmotivada por Michelet, porque no mesmo período havia sido publicado um livro sobre gatos, *Les Chats* (1869) de Champfleury (1821-1889), que foi de grande sucesso de

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

público. Mas continuou suas pesquisas sobre o assunto por muito tempo, inclusive escrevendo muitas cartas para naturalistas renomados, como Charles Darwin, pedindo conselhos e referências sobre o assunto, pois seu interesse era motivado pelas ciências naturais (DELAMOTTE, 2012, p. 338). O estudo sobre os hábitos dos animais naquele período não era valorizado por muitos naturalistas, e foi uma das muitas críticas que os trabalhos de História Natural dos Michelet receberam no período. Seu livro inacabado de gatos será publicado postumamente pelo historiador Gabriel Monod (1844-1912), *Mes Chats*, em 1904, apenas com as observações de seus próprios gatos, tanto de sua infância, quanto de sua vida adulta.

No entanto, há ainda mais uma obra naturalista de autoria de Athénaïs, também realizada em colaboração pelo casal, pouco conhecida na França, “*Nature: or, the power of the Earth and the Sea*” (1872). Esta obra foi produzida a pedido da editora dos Michelet na Inglaterra, *T. Nelson and Sons*, mas nunca veio a ser publicada em seu original francês. Michelet recebeu a proposta para essa produção em 1870, entretanto já idoso e doente, escrevendo a sua obra *História do Século XIX*, passa a tarefa para Athénaïs, que se dedica a esse trabalho. Além do contrato editorial em seu nome, Athénaïs, que se mostrava insegura quanto à sua escrita, vê um passo adiante em direção à sua autonomia, e quem sabe um reconhecimento (DELAMOTTE, 2012, p. 340).

Este livro, como os outros escritos por Athénaïs, abordará junto com seus estudos paisagísticos e naturalistas, a temática memorialista de sua infância em alguns momentos, bem como outras temáticas que ela aborda e que são recorrentes, os jardins, a melancolia e a contemplação da natureza. Mas também foi um livro escrito em colaboração com Michelet, que mesmo doente, revisou o texto, e escreveu um dos capítulos sobre o mar. É interessante notar que contemporaneamente os livros autorais de Athénaïs constam de novas edições a partir dos anos 2000.

### **O trabalho editorial de Athénaïs**

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ao passo que a vida profissional de Jules Michelet muda com os eventos de 1852, a vida de Athénaïs irá mudar sobremaneira depois da morte do marido em 1874. Athénaïs não se dedicará a escrever mais obras autorais, mas irá editar e publicar muitas obras inéditas de Michelet até o fim de sua vida. Mas primeiro ela precisou reivindicar em juízo para ter parte dos direitos autorais das obras de História Natural que escreveu em colaboração com o marido, bem como da repartição dos rendimentos das outras obras.

Quando Athénaïs inicia seu trabalho para o livro *Nature*, ela participa de reuniões organizadas pela *Société de revendication des droits de la femme*, criada em 1869. Ela participa de muitas reuniões, mas não se engaja no movimento, entretanto os ideais de emancipação, que sempre estiveram presentes em seus pensamentos, serão ancorados solidamente em seu espírito (DELAMOTTE, 2012, p. 342). Muito provavelmente foram através dessas reuniões, que Athénaïs se encorajou para enfrentar com muita astúcia, e podemos dizer que suas estratégias foram até subversivas para uma mulher naquele período, as provações que se seguiram na justiça, e aos olhos da sociedade.

Logo após a morte de Michelet, seus herdeiros diretos, o genro Alfred Dumesnil e seus netos, reivindicarão os direitos das obras de Michelet contra Athénaïs. Athénaïs reivindicava salvar o patrimônio simbólico do marido, mas também dependia dos recursos provenientes dos livros, bem como a família Dumesnil. Para obter apoio público e legitimar o fato de ser a detentora da herança intelectual de Michelet, Athénaïs publica os testamentos do falecido marido nos jornais, e escreve dois folhetos, *La tombe de Michelet* (1875) e *Ma collaboration à “L’Oiseau, L’insecte, La mer, La montagne”. Mês droits à la moitié de leur produit* (1876). Neste último Athénaïs irá justificar sua colaboração nas obras a partir da comprovação dos testamentos escritos por Michelet em 1865 e 1872, nos quais ele atesta a colaboração contínua de Athénaïs na preparação de seus livros de História Natural. Ela afinal, contribuiu com leituras, pesquisas e escreveu muitas coisas que permaneceram integralmente no texto, como capítulos inteiros. Logo no início do texto, Athénaïs explica que os testamentos foram redigidos para uma reparação em relação ao contrato de casamento que foi hostil a ela, pois estabelecia exclusão da comunhão de bens (MICHELET, 1876, pp. 2-4).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Segundo Camille Creyghton, os processos se estenderam por alguns anos, e Athénaïs saiu vitoriosa, mesmo que algumas de suas exigências não foram atendidas. O primeiro veredicto, em 1874, foi de que os direitos de publicação dos livros de Michelet deveriam ser vendidos, e um terço do rendimento dos produtos iria para Athénaïs e o restante para seus netos. Num segundo veredicto, em 1875, Athénaïs obtém o direito de supervisionar as edições dos escritos de seu marido, a fim de evitar que as editoras falsificassem os textos. E apenas em 1877 o tribunal decidiu em seu favor admitindo que ela não era apenas assistente nas obras de História Natural, mas realmente a co-autora (CREYGHTON, 2016, pp. 95-97).

Assim Athénaïs iniciará um enorme trabalho do exame dos documentos e anotações de Michelet, e em seguida, ela faz uso amplo dos direitos que lhe foram conferidos para popularizar a obra de Michelet. É importante salientar que os direitos das obras que ela ganhou em juízo não rendem o suficiente para garantir seus recursos, e assim Athénaïs considerou razoável dar continuidade ao trabalho de Michelet, garantindo a disponibilidade de obras nas livrarias com novas publicações inéditas, mas principalmente, continuando seus esforços pedagógicos para disseminar seu trabalho para um público maior, como ele sempre almejou, para o ensino popular, outra vertente do trabalho de Athénaïs como editora, e que ajudará a enraizar o lugar canônico de Michelet no ensino Francês (CREYGHTON, 2016, pp. 102-116).

Gabriel Monod, que foi amigo da família e pupilo de Michelet, foi nomeado patrono das publicações póstumas do historiador por Athénaïs, e depois da morte dela em 1899, ganhou o controle sobre muitos trabalhos de Michelet, e além de ter escrito biografias sobre o historiador, publicou muitas cartas e documentos inéditos. Em sua obra *Jules Michelet. Études sur sa vie et ses œuvres* (1905) dedicará a primeira parte para detalhar o trabalho de edição de Athénaïs, além de publicar juntamente um texto que ela escreveu em 1844, o *Journal de voyage en Belgique*.

Monod, com os manuscritos de Michelet em mãos, compara com as edições de Athénaïs, e irá ao mesmo tempo elogiar o trabalho árduo da viúva em compilar muitos manuscritos e anotações esparsas, bem como criticar a intrusão em alguns textos (1905, pp. 1-10). Athénaïs publicará *Les Soldats de la Révolution* (1878); *Le Banquet* (1879);

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

*Ma Jeunesse* (1884); *Notre France* (1886) que é um livro de vulgarização para o ensino popular; *Mon Journal* (1888); *Rome* (1891); *Sur les chemins de l'Europe* (1893); entre outras obras.

Mas esses esforços editoriais de Athénaïs serão desprezados em meados do século XX, e mesmo sua colaboração nas obras de História Natural será “apagada” a partir da construção da imagem de “viúva abusiva”, tanto porque recebeu críticas por uma suposta dominação sexual que impôs ao marido, a partir dos relatos íntimos que Michelet escreveu em seus diários, quanto pelas edições e censuras nos textos inéditos do falecido marido (SMITH, 2003, 198-200). Bonnie Smith, irá fazer praticamente uma genealogia dessas críticas que Athénaïs recebeu durante meados do século XX, que reverberou entre muitos historiadores, inclusive Lucien Febvre e depois dele, Paul Viallaneix, no intuito de mostrar que essa difamação era o reverso lógico da construção da imagem de Michelet como um gênio solitário e trabalhador monástico.

### **Considerações Finais**

Para compreender a trajetória de Athénaïs como escritora é importante compreender quais os meios em que uma mulher no século XIX encontrava para entrar no meio literário, quanto no científico. Para Marilyn Ogilvie uma das diversas vias para essa entrada era a colaboração conjugal, e esses esforços geralmente tomavam a forma “marido-criador” ou “esposa-executora”, em que a mulher correspondia ao papel subordinado (OGILVIE, 1987, p. 104). Muitas mulheres naquele período, impossibilitadas de frequentarem Universidades e Academias, ajudavam seus maridos trabalhando na esfera doméstica e de forma invisível, como observado por Bonnie Smith (2003), apesar delas próprias muitas vezes terem suas próprias redes de sociabilidade.

Observando a trajetória de Athénaïs, podemos observar que ela, ou mesmo o próprio casal, provavelmente utilizou essa estratégia para garantir e assegurar oportunidades dela poder publicar suas próprias obras autorais e mais tarde editoriais. Mas a relação conjugal e a forma como Michelet também vê o papel da mulher é importante para compreender o avanço de Athénaïs nessas esferas, ou mesmo freios,

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

como acontece com sua ideia de publicar seu livro sobre os hábitos dos gatos. Para Michelet havia benefícios dos maridos se associarem à suas esposas, através de uma colaboração conjugal harmoniosa. Em seus livros *L'Amour* (1858) e *La Femme* (1859), publicados no mesmo período em que o casal está trabalhando nas obras de História Natural, para Colette Gaudin, Michelet ao elevar poeticamente a mulher como “divindade”, uma das características do romantismo do século XIX, era um mero alibi para excluí-las da vida pública. A autora enfatiza a posição de Michelet, indicando que o historiador, apesar de defender a educação das mulheres, e a autonomia e igualdade das mulheres dentro do casamento frente à igreja dominadora e mesmo à maridos cruéis, nunca participou do debate a respeito dos direitos das mulheres, parecendo alheio a essa agitação política crescente do período (GAUDIN, 2006, p. 50). E mesmo Athénaïs acaba não se engajando ao movimento de direitos das mulheres, como sua biógrafa Isabelle Delamotte pontua.

Para compreender essa colaboração entre Athénaïs e Michelet, que faz parte do início de sua trajetória como escritora, a vida que é revelada nos diários de Michelet e as cartas trocadas entre inúmeras pessoas dos círculos sociais em que o casal pertencia, poderiam ajudar a elucidar a tensão existente entre o trabalho, a casa, e os artifícios literários utilizados em suas publicações. Porque a correspondência era um espaço no qual a ciência e a domesticidade, o profissional e o pessoal, podiam se encontrar e lutar.

Outro ponto importante é analisar os testemunhos de Gabriel Monod, que escreveu sobre ela, pois como amigo e próximo do casal, pode ter percebido com mais detalhes como era essa relação de colaboração e de complementariedade, que tanto Paule Petitier quanto Barbara Dimopoulou evidenciaram em seus artigos. Monod escreve o quanto os dois gostavam dessa ideia de transmutação de suas mentes, e que Michelet via Athénaïs como uma colaboradora que se identificou tanto com ele, que em seu diário escreveu: “ela é mais eu do que eu” (MONOD, 1905, p. 2). Para Monod, o trabalho de edição de Athénaïs, “se não é inteiramente Michelet, pelo menos Michelet está lá inteiro”, porque:

Mme Michelet acreditava ter os direitos mais extensos sobre a herança literária de seu marido. Ela tinha vivido com ele em tal intimidade: ela havia trabalhado tanto com ele e por ele, penetrado profundamente em sua mente; ela o servira tão constantemente como sua secretária, tantas vezes por escrito, em suas

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

longas noites solitárias, o que o ouvira dizer durante o dia, que ela acreditava estar autorizada (e não estava em certa medida?) a dar como o verdadeiro Michelet o Michelet coletado, preservado, transmutado por ela. Ele legou a ela todos os seus papéis, deu-lhe direitos absolutos sobre eles. Ele havia permitido que ela os usasse como quisesse. Ela fez uso desses direitos. (MONOD, 1905, p. 5, tradução nossa)<sup>4</sup>

Interessante retomar os próprios pensamentos de Athénaïs, quando escreveu o prefácio para o livro de cartas inéditas entre ela e Michelet, editado por Gabriel Monod, um pouco antes de falecer em 1899, no qual analisa sua vida e as provações que teve de superar em relação aos processos de justiça logo após a morte de Michelet:

“Eu poderia então ter publicado e me cercado por um halo legítimo. Que mulher, tendo passado por tais provações cruéis, não teria se dado essa satisfação? A coisa não era mais necessária, recusei-me a essa satisfação e me mantive fiel ao que havia sido até então nos hábitos da minha vida: *apagar-me*”.<sup>5</sup> (MICHELET, 1899, p. VI)

Nesse sentido, é necessário compreender de forma mais densa o processo complexo de colaboração de Athénaïs com Michelet, e restituir parte das condições da produção dos livros de História Natural, que foram “apagadas” historicamente, questionando a prática isolada do cientista e do gênio, demonstrando que a prática e o conhecimento científicos podem ser analisados de maneira significativa como produtos da colaboração entre parceiros conjugais. Parcerias que revelam o quanto são investidos além do tempo, do conhecimento e valores monetários, também a energia emocional, pesquisa que está sendo desenvolvida no doutorado da autora deste ensaio.

---

<sup>4</sup> “Oui, Mme Michelet se croyait les droits les plus étendus sur l'héritage littéraire de son mari. Elle avait vécu avec lui dans une telle intimité; elle avait tellement travaillé avec lui et pour lui, s'était tellement pénétrée de son esprit ; elle lui avait si constamment servi de secrétaire, si souvent écrit, dans ses longues soirées solitaires, ce qu'elle lui avait entendu raconter le jour, quelle se croyait autorisée (et ne l'était-elle pas dans une certaine mesure ?) à donner comme du vrai -Michelet le Michelet recueilli, conservé, transmué par elle. Il lui a légué tous ses papiers, lui avait donné sur eux des 'droits absolus. Il lui avait permis d'en faire l'usage qu'elle jugerait bon. Elle usa de ces droits. Et voici dans quelle mesure.”

<sup>5</sup> “J'aurais pu alors publier et m'entourer d'une légitime auréole. Quelle femme ayant subi d'aussi cruelles épreuves se fût donné cette satisfaction? La chose n'était plus nécessaire, je me refusai cette satisfaction et restai fidèle à ce qui avait été jusque-là dans les habitudes de ma vie: *m'effacer*.”

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## Referências Bibliográficas

CREYGHTON, Camille. **La survivance de Michelet**. Historiographie et politique en France depuis 1870. These de Doctorat. Faculty of Humanities – University of Amsterdam, 2016.

DAL'MASO, Aline. **Considerações sobre o homem e a natureza**: uma leitura sobre as contribuições às Ciências no livro *L'Oiseau* (O Pássaro) de Jules Michelet. Monografia. Graduação em História Memória e Imagem: Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

DELAMOTTE, Isabelle. **Le Roman d'Athénaïs**. Une vie avec Michelet. Paris, Belfond, 2012.

DIMOPOULOU, Barbara. Les jardins secrets d'Athénaïs dans La Montagne de Michelet. In: Bernard-Griffiths, Simone; Le Borgne, Fraçoise; Madelénat, Daniel (Orgs.). **Jardins et intimité dans la littérature Européene** (1750-1920): Actes du colloque du Centre de recherches révolutionnaires et romantique. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2008, pp. 197-212.

GAUDIN, Colette. Woman, My Symbol. **L'Esprit Créateur**, v. 46, n. 3, 2006, pp. 45-54.

MATAMOROS, Isabelle. **Mais Surtout, Lizes!**: les pratiques de lecture des femmes dans la France du premier XIX<sup>e</sup> siècle. Thèse de Doctorat. Littératures: Université de Lyon, 2017.

MICHELET, Jules. **L'Oiseau**. Paris: Librairie de L. Hachette et C<sup>ie</sup>, 5<sup>e</sup> Édition, revue et augmentée, 1858.

MICHELET, Jules. Œuvres complètes de J. Michelet. T. 40. **Lettres Inédites**. Adressées a M<sup>lle</sup> Mialaret (M<sup>me</sup> Michelet). Paris: Ernest Flammarion, 1899.

MICHELET, Jules. Mémoires d'une Jeune Fille Honnête. In: \_\_\_. **Journal Tome II (1849-1860)**. Paul Viallaneix (Ed.). Paris: Gallimard, 1962.

MICHELET, M<sup>me</sup> J. [Athénaïs]. **Memoires d'une Enfant**. Paris: Librairie Hachette et C<sup>ie</sup>, 1867.

MICHELET, M<sup>me</sup> J. [Athénaïs]. **Ma collaboration à "L'Oiseau", "L'Insecte", "La Mer", "La Montagne"**; mêm droits à la moitié de leur produit. Paris: Typographie Georges Chamero, 1876.

MONOD, Gabriel. **Jules Michelet. Études sur as vie et ses œuvres**. Paris: Librairie Hachette et C<sup>ie</sup>, 1905.

OGILVIE, Marilyn Bailey. Marital Collaboration: an Approach to Science. In: Abir-Am, P.G.; Outram, D. (Eds.). **Uneasy Careers and Intimate Lives**. Women in Science 1789-1979. Rutgers University Press, 1987.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

OGILVIE, Marilyn Bailey; HARVEY, Joy (Eds.). **The Biographical Dictionary of Women in Science**. Pioneering Lives from Ancient Times to the Mid-20th Century. Volume 2 L-Z. New York: Routledge, 2000.

PETITIER, Paule. Un discours sur la mort: Michelet et le modèle de *L'Insecte*. **Romantisme**, Raison, Dérision, Laforgue, n. 64, 1989.

PICARD, Nicolas. **Le Grimoire Animal**. L'existence des bêtes dans la prose littéraire de langue française 1891-1938. Thèse de Doctorat. Littérature Française: Université Sorbonne Nouvelle – Paris III, 2019.

SMITH, Bonnie. **Gênero e História**: homens, mulheres e a prática histórica. São Paulo: Edusc, 2003.

VIALLANEIX, Paul. **Michelet, les travaux et les jours – 1798-1874**. Paris: Gallimard, 1998.

WILLIAMS, Heather. The poetry of Celtic places. **Nineteenth-Century Contexts**, v. 41, n. 1, 2019, pp. 63-74.